

1
2
<input checked="" type="checkbox"/>
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

## Greve de Letras recomeça quinta-feira

# «Geração cilindrada» da escola espera abertura do ministro

O prolongamento da greve as aulas para quinta-feira, 5 de Fevereiro, nas Faculdades de Letras, só é desconvocável por parte dos alunos, mediante a satisfação de duas condições: que a audiência, marcada para hoje, seja com o próprio ministro e que desse encontro saia uma resposta que contemple o caderno reivindicativo elaborado pela Comissão Coordenadora de Estudantes.

Nas reivindicações propostas ao ministro João de Deus Pinheiro, os estudantes da Faculdade de Letras defendem a abertura da Escola à formação de professores, já que é essa a via profissional que a maioria dos licenciados geralmente opta e uma vez que a via de investigação praticamente não tem lugar no mercado de trabalho português. Antes de receber os alunos, porém, o ministro João de Deus Pinheiro ouvirá da parte da manhã, os Conselhos Científicos de Letras.

Manuel Loff, membro da Associação de Estudantes de Letras do Porto, afirmou ao «PJ» que «o único investigador não docente, existe em Coimbra. O que há são professores a investigar, muitos deles sem

conseguirem grandes resultados».

Enquanto os estudantes insistem na «abertura de toda uma série de vias profissionalizantes nos cursos de Letras, os Conselhos Científicos avançaram só com a especialização em Tradução».

«A Faculdade, diz-nos Manuel Loff, deve garantir aos alunos a intensidade teórica possível; é preciso acabar com as licenciaturas generalistas e insistir num cariz especializado».

Defendem os estudantes que os actuais alunos inscritos devem já beneficiar com a reestruturação profissionalizante dos cursos.

Para os licenciados de Letras no desemprego, que são cerca de nove mil, devem criar-se

medidas para que possam ingressar de novo nas Faculdades a fim de completarem a sua formação em qualquer área que queiram.

### «A geração cilindrada»

«Nós, a geração cilindrada — acrescenta Manuel Loff — não desprezamos os outros colegas desempregados, mas são eles que devem organizar-se, porque não estão abrangidos nem pelos sindicatos nem pelas associações de estudantes».

Para combater o desemprego, é necessário a expansão do mercado de trabalho. A aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo abrirá mais postos de trabalho, a abertura de especializações dentro das faculdades vai criar novas necessidades no mercado. Os museus, as bibliotecas, etc., estão a ser ocupadas por pessoas sem formação. Mas nós não podemos preencher essas vagas, por que também não somos especialistas».

Quando se fala de problemas estudantis, a primeira coisa que nos vem à cabeça é o Maio de 68 em França. Nos nossos, as grandes manifestações de estudantes voltam às ruas.

No entanto, Manuel Loff não vê paralelo entre esses movimentos e a actual crise na Faculdade de Letras Portuguesa: «Creio que os movimentos estudantis estrangeiros são diferentes, nas suas causas, da nossa actual conjuntura. Em Maio de 68 não era uma questão meramente estudantil, era uma reacção ao mundo económico na década de sessenta — «exigia-se o impossível». Nós, hoje, somos uma geração cilindrada que redescobre o valor da participação na sociedade, no trabalho. Esta atitude, em Maio de 68, seria encarada como uma colaboração com o próprio sistema.

Neste momento, o sistema está interessado em manter inactiva uma geração que, em Portugal, tem dificuldade em entrar na Faculdade, e da sua formação extrai apenas a frustração».

Conflito. Estudantes